

FESTAS NICOLINAS



Pregão Escolástico

Recitado pelo quintanista

Alvaro de Jesus da Silva Martins

em 5 de Dezembro de 1934

*Aos seus antigos condiscipulos, numa viva
saúde para os mortos e um sincero
abraço para os vivos, dedica o*

AUTOR.

TINHA-SE posto o sol. A branca lua-cheia
Formava um disco enorme atrás do Pio IX,
Fazendo delirar os presos na Cadeia,
E um rouxinol cantar, em lânguido abandono,
Sentida melopeia...

Sòzinho, eu ruminava as «Fábulas de Phedro»,
Do Carmo, disfrutando o edénico Jardim,
Sentado, mesmo, ao pé do seu mais alto cedro,
Ouvindo, cá em baixo, o sonoro chinfrim
Dos sinos de S. Pedro!

Puxei dum mau cigarro e dei duas fumaças,
Com o ar dum burguês à porta da Havaneza,
Que sem querer saber de máguas, nem desgraças,
Com imbecil desdem o bigode reteza,
Só a pensar nas *massas*!

Um tédio singular crescia por mim fora...
E como quem desperta, alfim, dum pesadelo,
Clamei em alta voz: — Que lindo estás agora,
O' trigueiro, velhinho e secular Castelo
Que Guimarães adora!

Agora, sim! Já vejo o teu nobre perfil
Desenhar-se na luz doirada do poente,
Erguendo para o céu, de transparente anil,
A forte robustez dêsse arcaboço ingente,
Num ar primaveril...

Já vejo desnudar as pedras da Muralha
Que, junto do Toural, ostentavam anúncios,
Como se fôsse o véu de uma triste mortalha,
Indicando os fatais e tremendos prenúncios
Duma grande batalha!

Já vejo ressurgir, ao dobrar uma esquina,
Uma torre ameada entre velhas fachadas,
Que dizem pertenceu a gente muito fina
Que, outrora, lá morou — o Solar dos Almadás,
A cair em ruína!

Vejo os braços limpar dos nobres palacetes
Onde nasceu a flor dos ínclitos avós,
E o tempo revestiu de musgos e verdetes,
Para nos revelar agora, a todos nós,
Armas e capacetes!

Guimarães se revê nas glórias do Passado,
E enquanto, assim, restaura o Burgo medievo,
Constrói, rapidamente, a Praça do Mercado,
A fim de inaugurar, em breve, com enlevo,
Ao menos, um bocado!...

Uma coisa, porém, nos enche de arrelia:
E' aquela desconforme e pavorosa *gaffe*
Que se levanta ainda — ó macabra ironia! —
Ao descer Santa Cruz para a Estrada de Fafe,
Formada em arcaria!

Eu não perdi ainda a risonha esperança
De renascida ver a Guimarães primeira,
Desde o Paço que foi dos Duques de Bragança,
A' igreja ogival da Virgem da Oliveira,
A mais formosa herança!

Vós, os que soletrais os velhos pergaminhos
Que desde D. Dinis se ennegrecem de pó,
Podeis vê-los, agora, envoltos em carinhos,
Sem que voltem, jamais, a inspirar-nos dó,
Todos arrumadinhos!

Juntaram-se, de novo, os antigos franquistas
Para a Franco pagar a dívida em aberto;
E eis o seu Monumento, aí, a dar nas vistas,
Do nosso coração sentindo-o já mais perto,
— O' almas pessimistas!...

Andorinhas! baixai o vôo, por instantes,
F vinde saudar aquele terno Poeta
Que tão amigo foi dos moços estudantes,
E a êles consagrou tôda a sua alma inquieta,
Em Bandos fulgurantes!

Em breve lá na Penha, entre verdes grinaldas,
Seu nome há-de ficar, como nobre trofeu,
Lembrando, a quem passar, seus versos — esmeraldas
Que fazem cintilar mais o azul do céu,
— Saúdoso Bráulio Caldas!

Mas o 20 não volta... e o Liceu continua
Sempre no mesmo pé, para nosso castigo!
Dir-se-ia que ninguém, pensando nisto, sua,
Nem quer, de Guimarães, mostrar-se bom amigo!
— Anda tudo na lua!...

Há gente que não crê em santos, nem milagres,
Mas eu que não senti, na minha fé, abalo,
— Para que mais amor, ó Pátria, lhe consagres! —
No Pôrto vi passar, montado em seu cavalo,
O Infante de Sagres!

Vi surgir, a meu lado, o Portugal de antanho,
Dos Gamas, de Camões, dos Castros e Albuquerque;
Um Portugal maior, um Portugal tamanho,
Que eu espero, jamais, o teu domínio perques,
O teu poder estranho!

Vi renascer ao sol, que os cohrira de glória,
Aqueles ideais e intrépidos pilotos
Que deixando de si a mais grata memória,
Recordam os heróis dos tempos mais remotos,
De que nos fala a História!

Vi passar, ante mim, as débeis Caravelas
Que sulcaram o mar em todos os sentidos,
Aos ventos desfraldando as suas finas velas,
Enquanto os homens seus tapavam os ouvidos,
A's rígidas procelas!

Vi mais! Vi ressurgir todo êsse vasto Império
Que da África passou ao Brazil e a Timor,
Dum hemisfério passando até outro hemisfério,
Fazendo estremecer o próprio Adamastor
De aspecto grave e sério!...

Cavaleiros de Ceuta e de viseira erguida,
Seguiam cavalgando em céleres corcéis,
A espada na bainha, a fronte destemida,
O cabelo caíndo em compridos anéis,
Na armadura brunida!

Eu contemplei, também, os bravos Missionários
Que em meio do sertão, entre povos selvagens,
Ostentando uma cruz sôbre os escapulários,
Do mesmo Cristo são as mais belas imagens,
Em seus novos calvários!

Atrás de tudo vi, no couce do cortejo,
Com as armas ao ombro, em portes marciais,
— A' Pátria oferecendo um caloroso beijo,
Num aprumo ideal! — tropas coloniais,
Que ainda, em sonhos, revejo!

Portugal ressuscita... — um Portugal moderno,
Como o Pôrto o sonhou durante a Exposição,
E nos faz aclamar a obra dum Governo
Que o há-de transformar numa grande Nação,
Num Portugal eterno!...

Um sorriso de amor aos lábios meus assoma
Olhando para vós, ó célicas deidades!
Que seja o peito meu cristalina redoma,
E eu sinta, dentro dêle, as vossas claridades
E divinal aroma!

Que eu sinta, na minha alma, o transcendente eflúvio
Do vosso meigo olhar, da vossa graça etéria;
E se o mundo o arrazar, de novo, outro dilúvio,
Haja mãos feminis afagando a miséria
Dêste negro Vesúvio!

Só vós podeis salvar a pobre Humanidade
Da luta fratricida em que ela se debate,
E conseguir, assim, em nome da Verdade,
Bem alto se anuncie a hora do resgate,
Da pura Liberdade!...

Tricanas da boémia! O' lindas raparigas!
Em graças naturais o vosso rancho timbra!
Vós bateis o record! adoradas amigas,
Poís nem Vila do Conde, Aveiro, nem Coimbra,
Vos excede as cantigas!

Eu quero repartir um pouco dêste anseio
Que faz vibrar, cá dentro, as cordas da minha alma,
E a tôdas vos estreito ao meu gelado seio,
Num amor fraternal que a todos leva a palma,
Um casto devaneio!

A graça da Mulher a tôdas sobreleva
E em rosas de toucar faz transformar abrolhos!
E como o sol que nasce e que dissipa a treva,
Assim a doce luz que vem dos vossos olhos,
Ditosas filhas de Eva!...

Nicplau, bem amado! O' nosso bom Eleito!
Lá no céu onde estás, cercado de áureos brilhos,
Aceita a devoção do nosso eterno preito,
E faz que Guimarães, onde vivem teus filhos,
Se meta, hoje, em respeito!...

Jerónimo d'Almeida.